

U. PORTO

PRESS BOOK

Conferência de imprensa - Fatores de Abandono do SNS

Revista de Imprensa

1. Mais de 75% dos médicos admitem trocar o SNS pelo sector privado | Atlas da Saúde, Atlas da Saúde Online, 13-01-2017 1
2. Mais de 75% dos médicos admitem trocar o Serviço Nacional de Saúde pelo sector privado, Público, 13-01-2017 3
3. Médicos do SNS estão insatisfeitos, Porto Canal - Jornal Diário, 12-01-2017 4
4. Médicos do Norte estão insatisfeitos com horário e remuneração, Notícias ao Minuto Online, 12-01-2017 5
5. Mais de 75% dos médicos admitem trocar o SNS pelo sector privado, Público Online, 12-01-2017 7

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 13-01-2017

Melo: Atlas da Saúde Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=1a52db49>

Sexta, 13 Janeiro, 2017 - 10:37

É apenas um manifestar de intenções, mas, se estas se concretizassem, assistiríamos a uma autêntica debandada dos médicos que hoje trabalham no Serviço Nacional de Saúde (SNS). Três em cada quatro médicos da região Norte inquiridos num estudo sobre a carreira e os fatores de saída do SNS admitiram a hipótese de deixar o sector público para trabalhar exclusivamente no privado. Mais: cerca de 40% dizem considerar a possibilidade de antecipar a reforma por exaustão e um terço até equaciona a hipótese de emigrar.

É grande a insatisfação e a desmotivação manifestada pelos 1495 médicos especialistas que responderam ao questionário online (10,8% do total dos inscritos na Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos) que constituiu a base do estudo de Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (UP). Uma insatisfação que, segundo o jornal Público, se reflete em várias dimensões do exercício da medicina: a maior parte dos inquiridos está descontente com a sua remuneração (76,7%), queixa-se de ultrapassar o horário de trabalho com frequência e não acredita ter boas perspetivas de carreira no SNS (63,3%). O estudo foi apresentado esta quinta-feira. Na prática, porém, mais de metade (54,4%) destes médicos já acumulam atualmente o trabalho no SNS com o privado, o que, no entender da investigadora, "poderá facilitar uma eventual transição para o trabalho em exclusivo neste sector". O certo é que quase 87% dos inquiridos exerceu sempre funções no SNS desde que começou a trabalhar, apesar de 69,1% não ter dedicação exclusiva ao sector público.

Por que não deixaram já o SNS?

O que ficou por perguntar foi por que razão é que estes profissionais não deixaram já o SNS para enveredar por uma carreira em exclusivo no privado. Marianela Ferreira (que é também investigadora do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da UP) adiantou que pretende igualmente perceber o grau de satisfação dos que já fizeram esta opção, numa segunda fase deste estudo, que já está em curso.

A remuneração, uma das dimensões identificadas como geradora de insatisfação, é inferior a três mil euros por mês (rendimento bruto) para quase metade (46,9%) dos inquiridos. E, se mais de três quartos admite estar insatisfeito com o dinheiro que ganha no SNS, ainda há muitos (27,9%) que assumem que poderiam considerar o adiamento da saída do sector público por reforma em caso de aumento de remuneração.

O dinheiro não é a única fonte de insatisfação, porém. "Os recursos económicos e financeiros são determinantes, mas há dimensões de insatisfação expressa pelos médicos que não têm relação direta com a remuneração", fez questão de sublinhar Alexandra Lopes, coordenadora do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. "A progressão na carreira, a gestão das organizações e o processo de tomada de decisões emergiram também como questões muito importantes", enfatizou.

O que fica claro é que os profissionais "estão claramente insatisfeitos e, se saírem do SNS, vamos ter um problema muito maior", sintetizou. "O SNS está seguramente ameaçado", corroborou Marianela Ferreira, que define os médicos como um grupo profissional "missionário" que "gosta de exercer medicina".

Realizado com o apoio do Gabinete de Estudos da Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos, o estudo já dá pistas importantes sobre os níveis de insatisfação dos médicos, mas esta é ainda uma primeira fase da investigação que tem objetivos mais ambiciosos, nota a investigadora. Numa

segunda fase, já em curso, estão a ser inquiridos médicos que saíram do SNS para perceber o seu grau de satisfação e também os profissionais que estão a fazer o internato de especialidade. Ainda este ano ou no próximo, Marianela Ferreira pretende replicar o estudo nas outras secções regionais da OM, no Sul e no Centro. Há mais de 50 mil profissionais inscritos na Ordem dos Médicos a nível nacional.

Os dados foram recolhidos entre Julho e Novembro, período durante o qual o questionário esteve disponível online na plataforma eletrónica da Universidade do Porto. Dos 13.801 médicos especialistas inscritos na Secção Regional do Norte da OM responderam 2070, tendo sido validadas as respostas de 1.495 profissionais a trabalhar no SNS.

Estudo do Instituto de Saúde Pública do Porto, que abrangeu 1495 médicos, adianta que 40% pondera antecipar a reforma por exaustão e um terço equaciona emigrar.



Mais de 75% dos médicos admitem trocar o Serviço Nacional de Saúde pelo sector privado

Saúde

Alexandra Campos

Estudo, que abrangeu 1495 médicos, adianta que 40% ponderam antecipar a reforma por exaustão e um terço até equaciona emigrar

É apenas um manifestar de intenções, mas, se estas se concretizassem, assistiríamos a uma autêntica debandada dos médicos que hoje trabalham no Serviço Nacional de Saúde (SNS). Três em cada quatro médicos da região Norte inquiridos num estudo sobre a carreira e os factores de saída do SNS admitiram a hipótese de deixar o sector público para trabalhar exclusivamente no privado. Mais: cerca de 40% dizem considerar a possibilidade de antecipar a reforma por exaustão e um terço até equaciona a hipótese de emigrar.

É grande a insatisfação e a desmotivação manifestada pelos 1495 médicos especialistas que responderam ao questionário online (10,8% do total dos inscritos na Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos) que constituiu a base do estudo de Mariana Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (UP). Uma insatisfação que se reflecte em várias dimensões do exercício da medicina: a maior parte dos inquiridos está descontente com a sua remuneração (76,7%), queixa-se de ultrapassar o horário de trabalho com frequência e não acredita ter boas perspectivas de carreira no SNS (63,3%). O estudo foi apresentado ontem.

Por que não deixaram o SNS?

Na prática, porém, mais de metade (54,4%) destes médicos já acumulam actualmente o trabalho no SNS com o privado, o que, no entender da investigadora, “poderá facilitar uma eventual transição para o trabalho em exclusivo neste sector”. O certo é que quase 87% dos inquiridos exerceram sempre funções no SNS desde que começaram a trabalhar, apesar de 69,1% não terem dedicação exclusiva ao sector público.

O que ficou por perguntar foi por que razão é que estes profissionais não deixaram já o SNS para enveredar por uma carreira em exclusivo



RUI GAUDÊNCIO

Médicos inquiridos na região Norte queixam-se da remuneração e das longas horas de trabalho

no privado. Mariana Ferreira (que é também investigadora do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da UP) adiantou que pretende igualmente perceber o grau de satisfação dos que já fizeram esta opção, numa segunda fase deste estudo, que já está em curso.

A remuneração, uma das dimensões identificadas como geradoras de insatisfação, é inferior a três mil euros por mês (rendimento bruto) para quase metade (46,9%) dos inquiridos. E, se mais de três quartos admitem estar insatisfeitos com o dinheiro que ganham no SNS, ainda há muitos (27,9%) que assumem que poderiam considerar o adiamento da saída do sector público por reforma em caso de aumento de remuneração.

O dinheiro não é a única fonte de insatisfação, porém. “Os recursos económicos e financeiros são determinantes, mas há dimensões de insatisfação expressa pelos médicos que não têm relação directa com a remuneração”, fez questão de sublinhar Alexandra Lopes, coordenadora do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. “A progressão na carreira, a gestão das organizações e o processo de tomada de decisões emergiram também como questões

muito importantes”, enfatizou. O que fica claro é que os profissionais “estão claramente insatisfeitos e, se saíram do SNS, vamos ter um problema muito maior”, sintetizou. “O SNS está seguramente ameaçado”, corroborou Mariana Ferreira, que define os médicos como um grupo

“Os recursos económicos e financeiros são determinantes, mas há dimensões de insatisfação expressa pelos médicos que não têm relação directa com a remuneração”

Alexandra Lopes

Coordenadora do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

profissional “missionário” que “gosta de exercer medicina”.

Realizado com o apoio do Gabinete de Estudos da Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos (OM), o estudo já dá pistas importantes sobre os níveis de insatisfação dos médicos, mas esta é ainda uma primeira fase da investigação que tem objectivos mais ambiciosos, nota a investigadora. Numa segunda fase, já em curso, estão a ser inquiridos médicos que saíram do SNS para perceber o seu grau de satisfação e também os profissionais que estão a fazer o internato de especialidade. Ainda este ano ou no próximo, Mariana Ferreira pretende replicar o estudo nas outras secções regionais da OM, no Sul e no Centro. Há mais de 50 mil profissionais inscritos na Ordem dos Médicos a nível nacional.

Os dados do estudo foram recolhidos entre Julho e Novembro, período durante o qual o questionário esteve disponível online na plataforma electrónica da Universidade do Porto. Dos 13.801 médicos especialistas inscritos na Secção Regional do Norte da OM responderam 2070, tendo sido validadas as respostas de 1495 profissionais a trabalhar no SNS.



Médicos do SNS estão insatisfeitos

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=4636f637-a2b1-48ad-bb83-df3f40acacfe&userId=bee090fd-4f41-4d8d-8871-d112cbb51a23>

Com as urgências dos hospitais sobrelotadas é habitualmente questionada a qualidade do serviço prestado aos utentes que frequentam os hospitais públicos. Mas há também uma dúvida que se coloca, em que condições trabalham os médicos tantas vezes criticados pela opinião pública. Ora esta questão foi lançada e é respondida por uma investigadora da Universidade do Porto num estudo que foi hoje apresentado.

Declarações de Marianela Ferreira, autora da investigação.

Médicos do Norte estão insatisfeitos com horário e remuneração

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 12-01-2017

Melo: Notícias ao Minuto Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=7f1556ad>

Os médicos da região norte a exercer no Serviço Nacional de Saúde (SNS) estão insatisfeitos com horários de trabalho, remunerações e progressão nas carreiras, concluiu uma investigação do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP).

O estudo, da autoria de Marianela Ferreira, realçou que a insatisfação e desmotivação dos médicos, aliada à existência de alternativas potencialmente mais atrativas fora do SNS, aumentam "significativamente" o risco de abandono do SNS, pondo em causa a sua sustentabilidade.

PUB

"O SNS está ameaçado, por isso, é urgente que os decisores políticos e os responsáveis pelas instituições que representam os médicos façam um debate e falem abertamente sobre essas questões", disse hoje a investigadora aos jornalistas.

O estudo "A Carreira Médica e os Fatores Determinantes da Saída do SNS" destinou-se na primeira de três fases aos médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem dos Médicos (SRNOM) e em funções no SNS.

Os dados dos 1.495 questionários validados, feitos através de um questionário online, foram recolhidos entre julho e novembro de 2016.

De entre os inquiridos, 75,8% considera vir a deixar o SNS para trabalhar exclusivamente no setor privado por entender que terá melhores condições de trabalho e maior satisfação profissional.

Depois, 45% destes profissionais com 45 anos ou mais equaciona sair do SNS por reforma antecipada ou não, alegando como principal motivo a exaustão/pressão do trabalho, enquanto 33,9% pretendem emigrar para exercer medicina.

Marianela Ferreira referiu que os médicos querem continuar a trabalhar e a exercer medicina, mas preferem fazê-lo no setor privado.

Os principais motivos estão relacionados com o descontentamento com o horário de trabalho no SNS (60,5%), a remuneração (76,7%), a falta de tempo disponível para a família e amigos (74,1%), poucas expectativas de progressão na carreira (63,3%) e fraca participação na tomada de decisão (50,7%).

Apesar disso, 76,7% referem estar satisfeitos com o relacionamento com os colegas de trabalho.

Após a realização desta primeira fase, a segunda direciona-se para os médicos inscritos na SRNOM e que saíram do SNS e os que estão a realizar internato de especialidade e a terceira pretende replicar as fases um e dois em todas as secções regionais da Ordem dos Médicos.

A investigadora adiantou que as restantes fases do estudo deverão ficar concluídas ainda este ano.

Thu, 12 Jan 2017 20:55:19 +0100

Mais de 75% dos médicos admitem trocar o SNS pelo sector privado

Tipo Melo:	Internet	Data Publicação:	12-01-2017
Melo:	Público Online	Autores:	Alexandra Campos

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=c1691700>

É apenas um manifestar de intenções, mas, se estas se concretizassem, assistiríamos a uma autêntica debandada dos médicos que hoje trabalham no Serviço Nacional de Saúde (SNS). Três em cada quatro médicos da região Norte inquiridos num estudo sobre a carreira e os factores de saída do SNS admitiram a hipótese de deixar o sector público para trabalhar exclusivamente no privado. Mais: cerca de 40% dizem considerar a possibilidade de antecipar a reforma por exaustão e e um terço até equaciona a hipótese de emigrar.

É grande a insatisfação e a desmotivação manifestada pelos 1495 médicos especialistas que responderam ao questionário online (10,8% do total dos inscritos na Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos) que constituiu a base do estudo de Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (UP). Uma insatisfação que se reflecte em várias dimensões do exercício da medicina: a maior parte dos inquiridos está descontente com a sua remuneração (76,7%), queixa-se de ultrapassar o horário de trabalho com frequência e não acredita ter boas perspectivas de carreira no SNS (63,3%). O estudo foi apresentado esta quinta-feira.

Serviço Nacional de Saúde continua a ser o grande formador dos médicos internos em Portugal

Na prática, porém, mais de metade (54,4%) destes médicos já acumulam actualmente o trabalho no SNS com o privado, o que, no entender da investigadora, "poderá facilitar uma eventual transição para o trabalho em exclusivo neste sector". O certo é que quase 87% dos inquiridos exerceu sempre funções no SNS desde que começou a trabalhar, apesar de 69,1% não ter dedicação exclusiva ao sector público.

Por que não deixaram já o SNS?

O que ficou por perguntar foi por que razão é que estes profissionais não deixaram já o SNS para enveredar por uma carreira em exclusivo no privado. Marianela Ferreira (que é também investigadora do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da UP) adiantou que pretende igualmente perceber o grau de satisfação dos que já fizeram esta opção, numa segunda fase deste estudo, que já está em curso.

A remuneração, uma das dimensões identificadas como geradora de insatisfação, é inferior a três mil euros por mês (rendimento bruto) para quase metade (46,9%) dos inquiridos. E, se mais de três quartos admite estar insatisfeito com o dinheiro que ganha no SNS, ainda há muitos (27,9%) que assumem que poderiam considerar o adiamento da saída do sector público por reforma em caso de aumento de remuneração.

O dinheiro não é a única fonte de insatisfação, porém. "Os recursos económicos e financeiros são determinantes, mas há dimensões de insatisfação expressa pelos médicos que não têm relação directa com a remuneração", fez questão de sublinhar Alexandra Lopes, coordenadora do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. "A progressão na carreira, a gestão das organizações e o processo de tomada de decisões emergiram também como questões muito

importantes", enfatizou.

O melhor do Público no email

Subscreva gratuitamente as newsletters e receba o melhor da actualidade e os trabalhos mais profundos do Público.

Subscrever x

O que fica claro é que os profissionais "estão claramente insatisfeitos e, se saírem do SNS, vamos ter um problema muito maior", sintetizou. "O SNS está seguramente ameaçado", corroborou Marianela Ferreira, que define os médicos como um grupo profissional "missionário" que "gosta de exercer medicina".

Realizado com o apoio do Gabinete de Estudos da Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos, o estudo já dá pistas importantes sobre os níveis de insatisfação dos médicos, mas esta é ainda uma primeira fase da investigação que tem objectivos mais ambiciosos, nota a investigadora. Numa segunda fase, já em curso, estão a ser inquiridos médicos que saíram do SNS para perceber o seu grau de satisfação e também os profissionais que estão a fazer o internato de especialidade. Ainda este ano ou no próximo, Marianela Ferreira pretende replicar o estudo nas outras secções regionais da OM, no Sul e no Centro. Há mais de 50 mil profissionais inscritos na Ordem dos Médicos a nível nacional.

Os dados foram recolhidos entre Julho e Novembro, período durante o qual o questionário esteve disponível online na plataforma electrónica da Universidade do Porto. Dos 13.801 médicos especialistas inscritos na Secção Regional do Norte da OM responderam 2070, tendo sido validadas as respostas de 1.495 profissionais a trabalhar no SNS.

Continuar a ler

12 de janeiro de 2017, 19:55

Alexandra Campos